José Carlos Marques & Sandra Turtelli
(Organizadores)

Futebol, Cinema & Cia.: ensaios

Cultura Acadêmica

2011

José Carlos Marques & Sandra Turtelli
(Organizadores)

Futebol, Cinema & Cia.: ensaios

Autores

Maximiliano Martin Vicente / Murilo César Soares / Jefferson Oliveira
Goulart / Claudio Bertolli Filho & Ana Carolina Biscalquini Talamoni /
Carlo José Napolitano / João Batista Neto Chamadoira / Danilo Rothberg
& Alexandra Bujokas de Siqueira / Marcos Américo / Maria Angélica
Seabra Rodrigues Martins / Ary José Rocco Junior / Ronaldo Helal &
Álvaro Vicente do Cabo / Célio José Losnak / José Carlos Marques

Cultura Acadêmica

2011

Conselho Editorial

Édison Gastaldo – UFRRJ
Flavio de Campos – USP
Jean Cristtus Portela – UNESP/Bauru
Marcelo Carbone Carneiro – UNESP/Bauru
Marcelo Bulhões – UNESP/Bauru
Márcio Guerra – UFJF
Victor Andrade de Melo – UFRJ

Capa e projeto gráfico

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ficha catalográfica

Futebol, Cinema & Cia.: ensaios / José Carlos Marques; Sandra Regina Turtelli (organizadores). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
202 p.

ISBN: xxxxxxxxxxxxxx

1. Futebol – Comunicação 2. Cinema. 3. Sociologia do esporte. I. Marques, José Carlos; Turtelli, Sandra Regina. II. Título

SUMÁRIO

- 7 Apresentação
- 11 Comunicação e futebol em tempos de política
Maximiliano Martin Vicente
- 29 “Asa Branca”/”Ronaldo”: voando alto
Murilo César Soares
- 39 Infortúnios da fortuna – hooligans, reputação e ética
Jefferson Oliveira Goulart
- 53 A representação midiática do torcedor de futebol em *O Corintiano*
Claudio Bertolli Filho & Ana Carolina Biscalquini Talamoni
- 69 Ensaio sobre as relações do cinema, do futebol e do direito
Carlo José Napolitano
- 81 *Linha de Passe*: a grande metáfora
João Batista Neto Chamadoira
- 99 Esporte, cinema e ideologia: análises sociológicas e semiológicas
Danilo Rothberg & Alexandra Bujokas de Siqueira

- 113 Quem ganha com tudo isso? *Subterrâneos do Futebol*: um filme de Maurice Capovilla
Marcos Américo
- 131 “Um time. Uma nação” – o rugby como objeto-modal
Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins
- 145 *Pelé Eterno e Maradona by Kusturica*: uma análise comparativa da construção cinematográfica do herói no futebol
Ary José Rocco Junior
- 155 ‘Se você construir, ele virá’: cinema e mitologia esportiva
Ronaldo Helal & Álvaro Vicente do Cabo
- 169 *Pra Frente Brasil*: otimismo e violência durante a Copa de 1970
Célio José Losnak
- 189 Conversa de bar: narrativas e história oral em “Boleiros”, de Ugo Giorgetti
José Carlos Marques

‘SE VOCÊ CONSTRUIR, ELE VIRÁ’: CINEMA E MITOLOGIA ESPORTIVA

RONALDO HELAL* & ÁLVARO VICENTE DO CABO**

Introdução

O cinema possui uma longa vinculação com o esporte. Vários esportes, em contextos socioculturais diferenciados e com diversas temáticas, foram focalizados pelo cinema. Esse rico e diversificado acervo merece ser trabalhado pela reflexão e até mesmo utilizado como canal de divulgação e educação, já que estamos diante de um material midiático central na produção de bens culturais e revelador de questões fundamentais que permeiam nosso cotidiano. Temas significativos como identidade nacional e local, problemáticas raciais, valores sociais, profissionalismo e amadorismo, ascensão social, idolatria, violência, mercantilização e dessacralização do esporte foram tratados sob diferentes pontos de vista.

Seja de forma direta ou indireta, o que se evidencia em quase todo este material é a recorrência de uma busca incessante pela singularidade de uma cultura por meio do esporte local seja tanto pelos ditos “estilos de jogo”⁵⁵ quanto pelas formas de torcer – e, às vezes, até mesmo pelos modelos administrativos⁵⁶. Nosso objetivo aqui é fazer uma investigação da narrativa do esporte no cinema em busca desta singularidade, tendo como fonte de análise precípua o filme *Campo dos Sonhos*, de Phil Alden Robinson, baseado no livro “Shoeless Joe” de W.P. Kinsella⁵⁷.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisador do CNPq. E-mail: rhelal@oglobo.com.

** Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: alvarodocabo@yahoo.com.br.

⁵⁵ Para uma discussão sobre a “construção” do estilo de jogo brasileiro, ver Soares e Lovisolo (2003).

⁵⁶ Ver Lever (1983) - principalmente os capítulos 2 e 3 - e Helal (1997) para uma análise sobre cultura e organização esportiva.

⁵⁷ Uma versão original deste artigo foi publicada em Arnt e Helal (2002).

O ensaio está dividido em quatro partes. Na primeira, fazemos uma breve reflexão sobre o espaço do universo esportivo, um terreno diferente da “vida cotidiana”, onde predominam a imaginação, o sonho, o mito e a fantasia⁵⁸. Na segunda, tecemos alguns comentários sobre o fascínio e atração do esporte no mundo moderno como uma consequência deste espaço particular. Na terceira, tratamos da redenção de ídolos e passagens “trágicas” do esporte. Por fim, na quarta parte, apresentamos uma análise do beisebol como um esporte que permeia o imaginário norte-americano em busca de sua identidade cultural. Todas estas partes estão ancoradas na narrativa do filme em questão.

Sonho, magia e realidade no universo esportivo

Campo dos Sonhos conta a história de Ray Kinsella, um jovem fazendeiro que começa a escutar uma voz em sua plantação de milho que diz repetidamente: “se você construir, ele virá”. Intrigado e atormentado com algo que desconhece, Ray conta para a mulher o que está acontecendo e questiona os outros fazendeiros da região sobre a possibilidade de alguns já terem escutados vozes em suas plantações. A mulher especula sobre a possibilidade de o ocorrido estar relacionado a um efeito retardado das drogas que ele tinha tomado na década de 1960, e os fazendeiros respondem a sua pergunta com olhares estranhos. O próprio Ray desliga a televisão quando a filha assiste a um programa em que um homem afirma escutar vozes, sob a alegação de que o sujeito “não estava em sã consciência”. Mais adiante, Ray começa a buscar um diálogo com a voz: “construir o que? Quem virá?” Até que um dia ele vê ao fundo da sua plantação a imagem de um campo de beisebol e a figura lendária de Shoeless Joe, um ex-jogador que se envolveu em 1919 em um conhecido escândalo na história do beisebol norte-americano. Seu time, o Chicago Black Sox, fora acusado de “entregar” as partidas finais do campeonato em troca de dinheiro. Todos os atletas do time foram banidos do esporte e nunca mais puderam participar de jogos oficiais. Ray decide então construir um campo de beisebol no meio do seu milharal sob o olhar atônito dos outros fazendeiros e sob severas restrições do cunhado, já que esta atitude os tornariam ainda mais endividados. Após a construção, Ray espera alguns meses para que algo aconteça, até que, numa noite, no

⁵⁸ Não estamos negando a existência do sonho, do mito e da fantasia no cotidiano, apenas destacando a predominância destes aspectos no imaginário de fãs e atletas no universo esportivo.

momento em que estava organizando o orçamento da fazenda com sua mulher, a filha os interrompe e diz que tem um homem no milharal. Lá estava ele, Shoeless Joe, devidamente uniformizado, no meio do gramado.

Vamos refletir um pouco sobre esta situação. No cotidiano, em contextos ordinários, escutar vozes e ter visões são encarados como atitudes insanas de alguém que necessita de tratamento psiquiátrico e acompanhamento psicológico. Tanto é que a própria mulher crê inicialmente se tratar de um efeito das drogas que Ray tinha tomando no passado, os fazendeiros fizeram olhares de estranhamento a seu questionamento e o próprio Ray repreende a filha, que assiste a um programa onde um homem afirma escutar vozes. No entanto, em outros contextos, que podemos chamar de “extraordinários”, estas situações podem não ser encaradas com tanto estranhamento. No universo religioso, por exemplo, é comum termos depoimentos de pessoas que escutam vozes e têm visões, atitudes estas compreendidas como revelações divinas. Já no universo esportivo, a fronteira entre o profano e o sagrado, entre o ordinário e o extraordinário, tende a ser bastante tênue. Amadorismo, “amor à camisa”, cantos, rezas e superstições são questões e atitudes que se interpõem ao profissionalismo, comercialização, marketing e administração empresarial do esporte.

Assim, nós, do lado de fora da tela, acompanhamos com compreensão a atitude de Ray, pois acreditamos em certa magia que o esporte propicia. No caso, estamos diante de uma situação em que a “magia” do cinema fala da “magia” no esporte. A voz que Ray escuta e a visão que teve fazem parte de uma experiência extraordinária e transformadora que o leva a uma meta de redenção. Inicia-se, então, uma busca incessante para recuperar um passado perdido e idealizado no imaginário dos norte-americanos. Voltaremos a tratar desta questão mais adiante. Por ora, ressaltemos que a experiência mística de Ray tem como motivação sacralizar um ídolo que foi profanado – que teria cometido um ato profano –, pedindo a sua absolvição ao mesmo tempo em que se busca transformar em realidade o sonho de uma “América que já foi boa e que poderá ser novamente”⁵⁹, consertando-se possíveis erros do passado.

⁵⁹ Frase proferida pelo personagem Terence Mann no final do filme. Mann é apresentado como um escritor da década de 60, guru do movimento de contracultura nos Estados Unidos que passou a viver em reclusão e que teria em uma entrevista da época revelado o sonho de jogar beisebol em um estádio já

De fato, os eventos esportivos são vividos como momentos especiais, destacados da vida diária, ocorrendo em lugares apropriados que lhes conferem um caráter extraordinário. Esta tendência a se destacar da vida diária, a se constituir em um momento de celebração e de festa, deve-se ao fato de que a própria sociedade costuma “eleger” o esporte para expressar seus sentimentos mais profundos. Isto porque, conforme nos ensinou Victor Turner (1982), todos os grupos humanos exaltam e comemoram aquilo que os faz diferentes e únicos a seus próprios olhos. O universo do esporte, com seu espírito de competição e um discurso meritório de conquistas e derrotas, é um terreno fértil para exaltações e comemorações. Assim, a sociedade encontra aqui a oportunidade de revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma (HELAL, 1990).

Em uma análise sobre momentos festivos, Roger Caillois (1988: 97) diz, por exemplo, que o indivíduo no seu cotidiano “vive na recordação de uma festa e na expectativa de uma outra, pois a festa figura para ele, para a sua memória e para o seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser”. Transpondo esta afirmativa para o filme em questão, percebemos a experiência mística de Ray como um desejo de, por meio do beisebol, viver estas emoções e metamorfosear-se – de jovem e inexperiente fazendeiro ele passa a ser o “dono” de um campo de beisebol, onde jogadores do passado retornam para jogar. A trama do filme desenvolve-se toda em torno do resgate de um passado perdido na sociedade norte-americana, uma forma de metamorfosear o presente, consertando “erros” do passado e redimindo os atores de seus “pecados”.

No entanto, mesmo com esta tendência inerente ao esporte de ser um momento especial, “mágico” e sagrado, a penetração de domínios profanos como a política, os negócios e o profissionalismo, por exemplo, representa, no imaginário social, uma força que caminha na contramão deste processo, fazendo com que o esporte possa se trivializar e tornar-se um momento corriqueiro. A crescente industrialização da sociedade trouxe consigo alguns fenômenos que, ao adentrarem o universo do esporte, criaram meca-

demolido. Ray vai ao seu encontro com a intenção de realizar seu desejo. Investigando no *google* pelo nome Terence Mann fica claro que o personagem é fictício.

nismos que tenderiam a descaracterizar este momento especial⁶⁰. O filme também narra este conflito de forma sutil, porém veemente, como veremos em seguida.

O Fascínio e a Atração do Esporte: amadorismo, profissionalismo e idolatria

Apesar da existência de uma busca constante em torno da singularidade, de algo único e típico, presente em todos os esportes e em todas as nações, algumas características que pensamos como singulares são, na verdade, globais. O esporte exerce um fascínio e uma atração muito grandes nas pessoas justamente por se tratar de um momento especial, um contexto extraordinário, constantemente “alimentado” de mitos, casos, lendas e histórias fantásticas, reforçando a questão da emoção e excitação conforme colocada por Elias (1985). Histórias de “esporte pelo amor ao esporte”, por exemplo, aparecem frequentemente neste universo, mesmo com todas as evidências de que se trata cada vez mais de uma indústria que movimenta uma soma fantástica de dinheiro⁶¹. Outras como superações de obstáculos intransponíveis, levando os atletas a condições de semideuses, também surgem constantemente.

Quando Ray começa a construir o campo de beisebol no meio de seu milharal, ele trava algumas conversas com a filha e a mulher que são emblemáticas destas histórias e questões. Em um dado momento, por exemplo, Ray diz para a filha: “Ty Cobb o considerou o melhor ala esquerda... ele obteve a terceira melhor média de rebatidas de todos os tempos”. Temos aqui uma narrativa na qual um ídolo – Ty Cobb – idolatra e mitifica outro. A questão dos recordes é uma constante no beisebol, o que, de certa forma, distingue-o de outros esportes em outras nações. A narrativa vai criando, assim, uma atmosfera de mitificação de Shoeless Joe, o ídolo do passado que precisa ser redimido na consciência de Ray e, quem sabe, no imaginário dos americanos. Mais adiante, Ray diz para a mulher: “Meu pai o viu alguns anos mais tarde em um time de quinta categoria. Ele estava gordo e tinha perdido a velocidade... mas ainda acertava. Papai

⁶⁰ Notemos que a “crença” em um passado puro, corroído pelo presente (neste caso, a industrialização), tende a ser uma constante mítica, aparecendo frequentemente em todas as sociedades e em todos os tempos.

⁶¹ Interessante observar como neste tipo de discussão tendemos a afirmar certa incompatibilidade entre ganhar dinheiro e amor, ser profissional e apaixonado, quando temos, na verdade, várias demonstrações da compatibilidade entre estas ações e sentimentos. Somos gratos a Hugo Lovisolo pelas observações contidas nesta nota e na anterior.

disse que ninguém rebatia como ele.” Estamos, assim, diante de um jogador fantástico, extraordinário, dotado de um talento fora de comum. A narrativa do filme, ao mitificar seus feitos, minimiza o seu ato profano no passado.

Em outro momento, a questão do esporte pelo amor ao esporte aparece de forma paradigmática. Shoeless Joe, depois de jogar com Ray, diz: “Eu simplesmente amo este jogo. E jogaria por comida apenas. Era o jogo, os sons, os cheiros. Já cheirou a bola ou a luva? ...A multidão levantando-se quando a bola era mandada longe... teria jogado de graça”. E ainda pergunta: “E as luzes?” Ray responde: “Todos os estádios têm”. Shoeless Joe diz em tom de descontentamento: “É difícil ver a bola”. E Ray responde: “Os dirigentes querem mais gente nos jogos”, no que Shoeless Joe simplesmente balbucia em tom de reprovação: “Dirigentes...” No final deste diálogo mítico Shoeless Joe ainda pergunta: “Aqui é o céu?”

Logo ficamos sabendo pelo próprio protagonista que ele “teria jogado de graça”, por amor ao esporte, aos sons dos estádios e aos cheiros da bola e da luva. Em meio a um ambiente profissional em que teria cometido um ato de suborno, a narrativa do filme nos apresenta um atleta amador, romântico e idealista. Adiante temos uma referência negativa aos dirigentes, os quais, por desejo de atrair mais público às partidas, colocaram refletores nos estádios, descaracterizando o jogo original, disputado em tardes ensolaradas de verão. Os dirigentes são vistos, assim, como meros negociantes, interessados em arrecadar mais, enquanto que os atletas, que jogariam por amor ao esporte, são obrigados a se sujeitarem às imposições dos “patrões”. Interessante notar como a visão negativa dos dirigentes tende a ser também uma característica global no universo do esporte. Mesmo em uma sociedade permeada por uma ética única, do trabalho, do profissionalismo e do individualismo, conforme demonstrou Tocqueville (2005) a respeito da sociedade norte-americana, a tensão entre “amador” e “profissional” predomina⁶².

⁶² É como se a profissionalização e administração comercial do esporte tivessem que ser combatidas no imaginário dos fãs, pois elas inserem elementos que tenderiam a descaracterizar o objetivo da superação espiritual-física do homem, inserindo no circuito componentes técnicos, como, por exemplo, as luzes dos estádios, a bola feita com precisão milimétrica, os acessórios etc. No esporte, o corpo paradoxalmente pode aparecer como metáfora do espírito; é como se os dois estivessem colados e um fosse representado pelo outro - o que não ocorre na esfera religiosa *stricto sensu*. Mas a partir do momento em que se insere um complemento ao corpo, uma técnica, uma máquina, uma estrutura administrativa, descaracteriza-se

Por fim, a pergunta de Shoeless Joe Jackson querendo saber se ali era o céu, transforma o campo e o jogo do beisebol em uma representação do paraíso, onde o lúdico, a paixão, a magia e a emoção são sentimentos predominantes. Logo, temos o esporte visto como um universo sagrado, distante de questões cotidianas e mundanas. Este questionamento – se ali era o céu – aparece também na pergunta que o falecido pai de Ray – um apaixonado pelo esporte – faz após adentrar o campo de beisebol (“campo dos sonhos”) e jogar com o filho. Indubitavelmente, temos uma imagem sacralizada do esporte, como um universo puro e idealizado. Questões como dinheiro, negócios e profissionalismo são, desta feita, relegadas a um plano secundário.

O Esporte Como Busca da Redenção

Na narrativa do filme, o esporte é tratado como um veículo que proporciona a transposição de uma situação negativa que fala de comércio, suborno e punição para os envolvidos – o escândalo de 1919 – para uma situação positiva, de redenção, perdão e absolvição a um ídolo e seus companheiros de equipes. Isto é interessante, posto que, geralmente, a narrativa mítica da saga do herói fala de um indivíduo dotado de um talento extraordinário, que ultrapassa obstáculos intransponíveis e retorna para casa compartilhando suas conquistas com seus semelhantes (BRANDÃO 1993, CAMPBELL, 1995 PROPP, 2006) ⁶³. Ou seja, a sua vitória é uma forma de conceder dádivas ao seu povo, redimindo a sociedade de seus pecados. No filme, é Ray quem – como herói para nós do lado de fora da tela – tem a “função” de redimir ídolos e jogadores do passado concedendo-lhes dádivas: a oportunidade de voltar a jogar. Pode ser que, ao fazer isso, Ray esteja concedendo dádivas a si mesmo e aos americanos, de uma forma geral, redimindo a sociedade de um “pecado” cometido no passado. Trata-se, então, de um resgate de uma “consciência coletiva”. Este resgate aparece em vários diálogos de Ray com a mulher, com Shoeless Joe Jackson e com Terence Mann, mencionado em nota anterior deste artigo. Vamos aos diálogos.

essa “pureza” do corpo que permitia sua reflexão do espírito. Somos gratos a Erick Felinto por estas observações.

⁶³ Para algumas análises sobre o fenômeno da idolatria esportiva no Brasil ver Helal (2003a, 2003b, 2000 e 1998).

Enquanto constrói o seu campo de beisebol Ray diz para a mulher referindo-se a Joe Jackson: “Dizem que ele era tão elegante e ágil. Vê-lo jogar novamente, deixá-lo jogar, redimi-lo. Em outro momento, quando Joe Jackson aparece no campo, Ray dirige-se a ele e diz: “Deve ser bom jogar novamente”. A resposta de Joe é emblemática: “ser expulso do beisebol foi como amputar parte de mim. É como o velho que acorda e coça as pernas que foram cortadas há 50 anos. Eu estava assim. Acordava à noite sentindo o cheiro do estádio, o frio da grama nos pés, a emoção do gramado”. E perto do final do filme Ray conta para Terence Mann que o pai queria que ele fosse jogador, mas ele se rebelou e aos 17 anos, disse uma coisa terrível para o pai e partiu. Só o viu de novo no funeral. O pai morreu antes que Ray se desculpasse. Ray disse ao pai que não respeitaria uma pessoa que tivesse como herói um criminoso. Mann emocionado diz: “mas você sabia que ele não era um criminoso”. Na última cena do filme, Ray tem ainda a oportunidade de jogar com seu pai, falecido muitos anos antes, que também aparece no campo.

No diálogo com a mulher é notório o desejo de redimir Joe Jackson: a sua “elegância” e “agilidade” seriam motivos suficientes para seu perdão. A fala de Joe dizendo que “acordava à noite sentindo o cheiro do estádio, o frio da grama nos pés, a emoção do gramado” concede um caráter peremptório à “inocência” do atleta e ao próprio “espírito” do esporte. Inocência esta que se confirma quando Terence Mann afirma que ele “não era um criminoso”. E a cena em que Ray joga com seu pai fala de um desejo de retornar no tempo e consertar possíveis “erros” do passado. São diálogos e cenas presentes ao longo do filme que parecem ter como objetivo único dirimir “culpados” e reconquistar um “passado inocente”⁶⁴. Assim, o resgate de uma “consciência coletiva” que fala de um passado “pueril”, “inocente” e “mágico” fica evidenciado nas palavras de Terence Mann no final do filme, tentando convencer Ray a não vender a fazenda e a

⁶⁴ Para uma análise da interação do cinema com o esporte contendo, inclusive, algumas reflexões sobre o filme em questão, ver Melquior (1999). É interessante observar também como estes desejos aparecem em outras nações e em outros esportes. No Brasil, Paulo Perdigão (1986) faz uma análise da derrota da seleção brasileira para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, toda voltada para uma explicação menos apaixonada e mais “científica” da derrota, redimindo os atletas de seus “pecados”. Perdigão escreveu inclusive um conto, “O Dia Em Que o Brasil Perdeu a Copa”, que inspirou o curta-metragem “Barbosa”, de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo, produzido em 1986 e que fala justamente do desejo impossível de consertar “erros” ou momentos “trágicos” do passado.

manter o campo de beisebol com a venda de ingressos para os jogos com os ídolos do passado:

“As pessoas virão Ray. Elas virão por razões que nem imaginam. Elas virão aqui sem saber exatamente porque. Virão inocentes como crianças...em busca do passado...Pois elas tem dinheiro mas falta-lhes paz...Virão para as arquibancadas e sentarão, à vontade em um dia lindo e descobrirão que tem cadeiras reservadas ao lado do campo onde se sentaram e se divertiram quando crianças. Idolatrarão seus ídolos. Assistirão ao jogo e se sentirão mergulhadas em águas mágicas. As lembranças serão tão fortes que terão de espantá-las.”

Trata-se de um discurso crítico ao presente industrial e que coloca no esporte a esperança de um retorno a um passado “inocente” e “pacífico”. Hoje, as pessoas “têm dinheiro, mas falta-lhes paz”. O jogo do beisebol seria o antídoto contra o ritmo industrial, trazendo boas recordações de uma infância “divertida” e “pacífica”. Esta representação do beisebol aparece em várias passagens do filme e está, como veremos adiante, ancorada nas análises de muitos cientistas sociais americanos⁶⁵.

O Beisebol na Cultura Americana

É comum atribuir-se o sucesso e a popularidade do beisebol na cultura americana ao passado rural do país, entendendo este esporte como um desafio ao ritmo acelerado da vida industrial. Guttmann (1978), por exemplo, aponta dois fatores para explicar o sucesso do beisebol: o seu lugar no ciclo das estações e sua tendência á quantificação. O primeiro refere-se ao fato de que o esforço que muitos fazem em descobrir características rurais em um esporte urbano indica, por si só, a importância do impulso pastoral do beisebol. Ou seja, no imaginário dos americanos trata-se de um esporte pastoral, o que, para Guttmann, significa mais do que uma ênfase no rural, pois inclui também e fundamentalmente a associação com espaço aberto, grama, calor e dias ensolarados. Acompanhemos seu raciocínio. A temporada do beisebol começa na primavera e atravessa todo o verão facilitando esta associação; e o fato do movimento do jogo ser circu-

⁶⁵ Interessante notar como a idealização de um passado “melhor”, mais “puro” é uma constante no universo esportivo. O primeiro capítulo do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho chama-se “Raízes do Saudosismo”, uma alusão aos que criticavam o futebol de então que, segundo o registro de Filho, já não se jogava mais por “amor à camisa”. Isto em 1947, ano da primeira edição da obra.

lar – ao redor das bases e de volta à “home plate” – reforça a idéia do ciclo das estações. Com tudo isto, Guttmann (1978:107) indaga: “Seria totalmente acidental que as quatro bases correspondem às quatro estações do ano? Além disso, o beisebol é um jogo que não tem hora exata para terminar, o que “frustra os patrocinadores da TV e a programação televisiva mas agrada aqueles que sentem que o jogo só termina quando o último jogador sai de cena”. A introdução de refletores e da grama artificial são fatores que, segundo Guttmann, contribuem para o declínio do beisebol, o que o filme tenta confirmar através de um dos diálogos de Ray com Joe Jackson. O outro fato, mencionado por Guttmann para o sucesso do beisebol, diz respeito à quantificação. A pausa na ação do jogo, o que o torna monótono para os europeus e latino-americanos, é preenchida por estatísticas, o que atrai os americanos. Temos aí uma combinação de elementos pastorais e o reino dos números, o que, a princípio, seria uma contradição, mas trata-se, na verdade, de uma complexidade, um paradoxo: o beisebol seria como “um símbolo sobre nosso passado abandonado e sobre o futuro desconhecido”(GUTTMANN, 1978: 114).

Kirsch (1989:93), além de destacar as características rurais do beisebol, enfatiza a associação inicial entre este e o nacionalismo, tomando como exemplo para esta argumentação os símbolos que os jogadores adotaram para seus clubes no início deste esporte: Young America, Eagle, National, Liberty, Pioneer, Union, Columbia etc. Kirsch destaca também que o beisebol começou naquela época a adquirir conexões familiares com “amor ao país”, “liberdade”, “ética do trabalho” e outros tradicionais valores americanos. A afinidade do cricket com os ingleses e do beisebol com os americanos também contribuiu, segundo este autor, para a rápida popularidade do beisebol nos Estados Unidos, lembrando ainda que, na época, este esporte era considerado “rápido e cheio de ação”, em contraposição ao cricket, considerado lento e monótono. Para ele, muitos esportistas preferiam o beisebol porque “os jogos terminavam mais rápido do que os do cricket e porque eles eram jogados com mais rapidez e com grande entusiasmo” (KIRSCH, 1989:101) e cita o capitão de um time inglês de cricket que escreveu que o beisebol era “de curta duração, com poucas interrupções e com modificações constantes em seu aspecto”, concluindo que o cricket “ia contra os hábitos comerciais dos americanos” (KIRSCH, 1989:101). O autor considera esta observação importante, já que atual-

mente o beisebol é considerado mais lento do que outros esportes, como o hóquei, o basquete e o futebol americano. Assim, ele conclui que “o beisebol tornou-se o esporte nacional dos Estados Unidos no século 19 devido a sua adequação à cultura americana daquela era de transição para a sociedade moderna” (KIRSCH, 1989:107). A junção entre tradições familiares e a transição para a sociedade moderna seria a explicação para o sucesso do beisebol na cultura americana. O esporte, antes considerado rápido (em comparação com o cricket) e, por isso mesmo, mais adaptado ao ritmo da recente industrialização, tornou-se mais adiante um emblema da reação a este mesmo ritmo.

De forma similar, Ross (1973:103/104) aponta para o sucesso instantâneo do beisebol durante o período industrial ao mesmo tempo em que era visto como uma reação ao ritmo acelerado deste. Como um esporte pastoral, o beisebol constrói uma atmosfera harmônica, de comunhão com a natureza, fazendo com que os fãs tenham a nítida impressão de que, em uma partida, existe um diálogo entre o campo e os jogadores, mais do que uma competição entre atletas e times. Por isso, o time que melhor se relacionar com o campo – acertando as bolas nos lugares certos – vencerá. Ross enfatiza ainda a estrutura circular deste esporte, no qual todas as ações são de retorno; uma bola arremessada para fora do campo é um *home run*, perfazendo, assim, um círculo completo. Além disso, o autor especula sobre a possibilidade de o beisebol possuir uma “função subliminar”, sendo uma espécie de “espelho sentimental da velha América” (1973:103). A argumentação baseia-se no fato de que a maior parte do jogo concentra-se em uma disputa entre o “pitcher” e o “hitter” na esquina da área do campo. Este é o local mais ocupado e o mais sofisticado, onde algo está sempre ocorrendo e outras ações subsequentes se originam. Desta “esquina urbana” nós nos movemos para outras menos povoadas e de lá para o território que se situa “fora do campo”. E conclui: “na tradição da sabedoria popular americana, o perigo aumenta com a distância; no beisebol a ação mais espetacular é a que ocorre fora do campo, quando a bola é arremessada para bem longe. Assim, estas jogadas ocorrem em um território remoto, e elas pertencem, como a maior parte das lendárias ações de coragem, à fronteira.” (ROSS, 1973:103).

Temos assim, portanto, uma narrativa “científica” que busca demonstrar que o fascínio do beisebol nos Estados Unidos deve-se à sua relação com valores tradicionais

americanos que o presente industrial insiste em destruir. O filme *Campo dos Sonhos* corrobora esta narrativa, e não é à toa que coloca justamente nas palavras de Terence Mann um discurso pastoral que pretende, de forma nostálgica, reassegurar valores tradicionais americanos. Mann foi guru da juventude na década de 1960, revolucionário e questionador; no final do filme, através do amor ao beisebol, faz um discurso apaixonado e nacionalista, pregando um retorno às origens americanas, sem dúvida uma reação ao presente industrial:

A única certeza nesses anos todos tem sido beisebol. América suportou um exército de tratores, foi apagada, reconstruída e apagada de novo, mas o beisebol permaneceu. Este campo, este jogo... é parte do nosso passado, Ray. Lembramo-nos de tudo que já foi bom... e poderá ser novamente.

A modo de conclusão, podemos dizer que a narrativa de *Campo dos Sonhos* enfatiza sobremaneira a idealização de um passado americano puro, glorioso, repleto de virtudes, depositando no beisebol o espaço possível de resistência onde este “passado” se faz “presente”. O beisebol, na sua forma de jogar, torcer, se expressar e sentir seria o emblema da “essência” da cultura americana. Ao longo da análise, procuramos demonstrar como muitos aspectos apontados como singulares são, na verdade, globais. No entanto, gostamos de nos sentir únicos, diferentes, singulares e, por isso, a mídia – no caso o cinema –, ciente deste nosso desejo, mitifica certos feitos, acontecimentos e ações esportivas.

O fascínio e a atração exercidos pelo beisebol não são tão diferentes em outros esportes. Todos possuem suas “especificidades”, sendo que a maior parte delas são, de fato, características comuns a quase todos os esportes. O “esporte pelo amor ao esporte”, a visão negativa que temos dos dirigentes – denominados pejorativamente no Brasil de “cartolas” – a mitificação dos feitos de certos atletas, a idealização de um passado “puro”, as histórias e os casos fantásticos, são sentimentos, perspectivas e processos que permeiam o universo esportivo. O cinema quando trata do tema tende sempre, de uma forma ou de outra, a construir uma narrativa que corrobora e fortalece estes aspectos no

imaginário dos fãs. E, de fato, sem eles o esporte perderia, para os fãs, muito do seu sentido e fascínio.

Referências Bibliográficas

ARNT, H.; HELAL, R (orgs.) **A Sociedade na Tela do Cinema: comunicação e imagem**. Rio de Janeiro, E-Papers, 2002.

BRANDÃO, J. **Mitologia Grega** (vol. 3). Petrópolis, Vozes, 1993.

CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.

CAILOIS, R. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa, Edições 70, 1988.

ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1985.

FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro, Mauad, 2003 (4ª edição).

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record: the nature of modern sports**. New York, University of Columbia Press, 1978.

HELAL, R. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1997.

HELAL, R. **O Que é Sociologia do Esporte**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. “Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário”. In: Pablo Alabarces. (Org.). **Futbologías, Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina**. 1 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003a.

_____. “Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho”. In: Antonio Adami; Barbara Heller; Haydée Dourado De Faria Cardoso. (Org.). **Mídia, Cultura, Comunicação**. 2. 1 ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2003b.

_____. “As idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso”. In: Pablo Alabarces. (Org.). **Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad en America Latina**. 1 ed. Buenos Aires: CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

_____. “Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói”. **Motus Corporis** (UGF), Universidade Gama Filho, v. 5, n. 2, 1998.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1980.

LEVER, J. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro, Record, 1983.

- KIRSCH, G. **The Creation of American Team Sports: baseball & cricket, 1838-72**. Chicago, University of Illinois Press, 1989.
- MELQUIOR, R. - “Cinema, Esporte e Cultura: uma relação entre tapas, beijos e efeitos especiais” in **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física** vol.2, ano 2 - Santa Maria, CEFD/UFSM, 1999.
- PROPP, V. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006
- ROSS, M. “Football and Baseball in America” in Talamini, J. & Page, C. **Sport & Society: an anthology** - Boston, Little, Brown and Company, 1973.
- SOARES, A; LOVISOLO, H. “Futebol: a construção do estilo nacional”. Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol25, número1, 2003.
- TOCQUEVILLE, A. **A Democracia na América**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- TURNER, V (org.). **Celebration: studies in festivity and ritual**. Washington. Smithsonian Institution Press, 1982.